



O Movimento Feminino pela Anistia em reportagens da Rede Globo Minas

*The Women's Movement
for Amnesty in television
reports of Rede
Globo Minas*



Marcella Furtado¹

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) na linha de pesquisa História, Teoria e Crítica. Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2008), na linha de pesquisa em Cinema. Especialista em Cinema pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) (2006) e em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF) (2013). Graduada em Comunicação Social pela UFGM (habilitação em Jornalismo/2004 e em Radialismo e TV/2005) e em Cinema de Animação e Artes Digitais (2014) pela mesma universidade. Desde 2010 é arte-educadora no Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, órgão da Fundação Municipal de Cultura, atuando no apoio às pesquisas ao acervo, visitas técnicas e mediadas, oficinas de preservação de acervos audiovisuais, oficinas de brinquedos ópticos e sessões de vídeo comentado. E-mail: marcellafurtado@yahoo.com.br

Resumo: este artigo visa analisar como o Movimento Feminino pela Anistia é abordado em cinco reportagens feitas pela Rede Globo Minas em Belo Horizonte (BH) entre os anos de 1977 e 1979. A análise será feita a partir do acervo da emissora presente no Museu da Imagem e do Som de BH. Essa abordagem é um recorte da pesquisa *BH em movimento – Registros audiovisuais do período da ditadura na capital de Minas*, que busca localizar e analisar reportagens televisivas realizadas entre 1968 e 1983 em BH que façam referência a pessoas e/ou eventos ligados ao período militar. Localizar esses registros revela-se tão importante quanto entender de que forma eles se inserem na memória audiovisual do período.

Palavras-chave: televisão; acervo; audiovisual; ditadura; memória.

Abstract: this article aims to analyze how the *Movimento Feminino pela Anistia* (Women’s Movement for Amnesty – MFPA) appears in five reports made by Rede Globo Minas in Belo Horizonte between 1977 and 1979. The analysis will be made from the collection of the broadcast company found at Belo Horizonte’s Museu da Imagem e do Som (Museum of Image and Audio). This review is part of the research “*BH em movimento – Registros audiovisuais do período da ditadura na capital de Minas*” (BH in motion – Audiovisual records of the dictatorship period in the capital of Minas Gerais), which seeks to locate and analyze television reports produced between 1968 and 1983 in the city that refer to people and/or events related to the military period. Finding these records is as important as understanding how they fit into the audiovisual memory of the period.

Keywords: television; collection; audio-visual; dictatorship; memory.

Memória e audiovisual

A ditadura militar vivida no Brasil entre 1964 e 1985 compreende um intervalo peculiar na História do país em razão das significativas mudanças políticas ocorridas e seu impacto no cotidiano da população. O assunto tem sido objeto de estudos acadêmicos em diversas áreas do conhecimento, entre elas pesquisas voltadas à análise dos registros audiovisuais feitos à época, bem como o exame de filmes documentais e ficcionais realizados posteriormente e que abordam aspectos distintos do período.

Em Belo Horizonte, há poucos espaços que guardam e disponibilizam para o público a consulta a acervos audiovisuais que se relacionem com a memória e a história da cidade. Entre esses espaços, o Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte (MIS/BH), órgão da Fundação Municipal de Cultura, é o que possui em seu escopo principal a guarda e difusão de documentos audiovisuais, sendo também o que possui maior acervo fílmico e videográfico, totalizando mais de 50 mil títulos nos mais diversos suportes. É um conjunto amplo e diversificado. São obras que vieram de diferentes fontes, produzidas sob condições variadas e com resultados igualmente heterogêneos. Há produções ficcionais, documentais, jornalísticas e filmes de família, entre outros. No conjunto da diversidade temática do museu estão as matrizes originais de material jornalístico produzido pela Rede Globo Minas entre 1968, data de sua inauguração, e 1983, quando a emissora parou de utilizar filmes em película para a produção de suas telerreportagens.

A pesquisa que engloba o artigo aqui apresentado ocupa-se do levantamento de filmes existentes no Fundo Rede Globo Minas que façam algum tipo de referência ao período da ditadura militar em Belo Horizonte. Nesses registros, a ditadura militar aparece na participação de militares em eventos diversos, prisões, movimentos pela anistia, ações do/no Departamento de Ordem Política e Social (Dops), questões relativas à liberdade de imprensa, greves de alunos, exilados, jornais de resistência, atentados à bomba, passeatas, discussões sobre a queda do ato institucional nº 5, peças teatrais realizadas no período, entre outros.

O recorte feito para este artigo envolve a análise de como o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) aparece em cinco reportagens realizadas pela Rede Globo Minas na cidade de Belo Horizonte entre os anos 1977 e 1979. Para tanto, faremos uma breve contextualização do MFPA na capital mineira, para então buscarmos entender de que forma a memória do período é construída em reportagens sobre o movimento como as que apresentaremos adiante.

O Movimento Feminino pela Anistia

O MFPA surgiu em São Paulo, em 1975, por iniciativa da advogada Therezinha Zerbini. Em outras cidades do país foram criados núcleos do MFPA. Em Belo Horizonte, a ideia do núcleo ganhou força no ano de 1977. No dia 4 de junho daquele ano, um forte aparato policial montado na capital mineira impediu a realização do III Encontro Nacional dos Estudantes, que tinha como objetivo reestruturar a União Nacional dos Estudantes (UNE), evento que seria realizado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Mais de mil estudantes foram presos.

Alguns dias depois, uma manifestação foi realizada nas dependências da Faculdade de Medicina em protesto pelas ações do governo contra os estudantes. Durante a manifestação, destacou-se o depoimento de Helena Greco², que até então não havia se envolvido com movimentos políticos. Pessoas que estavam interessadas em criar o núcleo do MFPA em Belo Horizonte convidaram dona Helena e as outras mulheres presentes no evento para uma assembleia que seria realizada no dia 30 de junho. Durante essa assembleia, foi criado o MFPA/MG. Em novembro de 1977 foi eleita sua primeira diretoria, tendo Helena Greco como sua presidente.

Dentre os objetivos definidos do movimento estavam a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita; o apoio a todos os movimentos de luta pelas liberdades democráticas; a denúncia das torturas nas prisões; a luta pela liberdade de expressão; e a promoção e incentivo à participação política, cultural e social da mulher.

A campanha pela anistia, ao rearticular a sua luta à democracia e aos protestos dos setores populares, transformou-se numa bandeira de diferentes mobilizações. Essa campanha e a eclosão de protestos públicos contra a ditadura consagraram, na cena pública, os direitos, alimentaram a esperança com relação às potencialidades das ações políticas da sociedade e conclamaram a cidadania plena a todos os brasileiros como base fundamental para a construção democrática. (PAULA, 2014, p. 8)

Em 1978 foi formada a seção mineira do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA/MG), envolvendo homens e mulheres na luta. Helena Greco tornou-se vice-presidente desse comitê, assumindo a presidência dois anos depois. Em abril de 1980,

² Helena Greco (Abaeté, 15 de junho de 1916 – Belo Horizonte, 27 de julho de 2011) fundou e dirigiu o Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais (MFPA/MG). Foi eleita vereadora em Belo Horizonte nas eleições de 1982.

o MFPA realizou uma assembleia geral na qual foi decidida sua incorporação ao CBA. Na mesma ocasião, foi definido que os interesses da mulher continuariam a ser defendidos por grupos afins à questão.

Durante seu tempo de atuação, o MFPA colocou-se ao lado dos movimentos estudantis na capital de Minas, apoiou suas reivindicações e fez parte de comissões que lutaram pela libertação de presos políticos. Também atuou junto a movimentos de trabalhadores, apoiando as greves realizadas por diversas categorias entre 1978 e 1980. Promoveu debates sobre a anistia e ações que objetivavam divulgar informações à população mineira sobre a situação dos presos políticos.

Por sua atuação e representatividade, dona Helena foi alvo de diversas ameaças e atentados em Belo Horizonte. As intimidações chegavam em bilhetes e cartas anônimas endereçadas à sua residência ou à sede do movimento. Também foi alvo de falsas acusações em órgãos de imprensa e ataques à bomba:

Como militante e presidente do MFPA, Dona Helena sofreu inúmeras ameaças por parte de grupos de extrema direita, como o GAC (Grupo Anticomunista) e o MAC (Movimento Anticomunista) que se opunham por métodos radicais à sua atuação. As pressões e ataques que recebeu eram de diferentes tipos: bilhetes, cartas e telefonemas anônimos e bombas. (DELGADO, 2012, p. 3)

Um dos reconhecimentos ao seu trabalho foi o convite para representar o Brasil no Congresso Mundial da Anistia, realizado em Roma em junho de 1979.

O MFPA nas reportagens da Rede Globo Minas

Durante seu período de existência e atuação, o MFPA teve participação marcante na vida política e social de Belo Horizonte, refletida nas diversas referências ao movimento que aparecem em reportagens da Rede Globo Minas realizadas entre 1977 e 1979. Citamos a seguir alguns exemplos destas matérias.

A reportagem “Movimento Feminista pela Anistia – Assembleia” (27 de outubro de 1978) traz cenas de uma reunião do movimento e entrevista com Helena Greco abordando os planos do comitê. A fita “Movimento Feminino para Anistia – Avenida Afonso Pena – Pancadaria” (5 de janeiro de 1979) apresenta imagens de manifestantes se dispersando no centro de Belo Horizonte. Não há nenhuma sonora, apenas gravações da movimentação na área central da cidade com som ambiente do barulho nas ruas. A sinopse cadastrada pela Rede Globo para esse filme é sucinta: “Bombas e repressão policial na avenida Afonso Pena”.

A reportagem “Movimento Feminino pela Anistia / Ato público com ex presos políticos” (19 de abril de 1979) traz imagens de uma atividade na qual ex-presos políticos falam a uma plateia. Conforme informações da ficha de catalogação do filme, entre os ex-presos estão Cecílio Emigdio Saturnino e Cleber Maia. Cecílio relata ter sido encaminhado ao Dops em Belo Horizonte, onde sofreu torturas no pau de arara, choques e espancamentos. Cleber Maia discorre sobre as fases da tortura, sendo a primeira delas quando os órgãos policiais tentam extrair confissões dos presos. O segundo momento seria quando identificam o preso como uma pessoa “perigosa”. Em seguida, o ex-presos político Porfírio de Souza aponta os nomes dos homens que o torturaram durante o tempo em que ficou na cadeia, inclusive o nome de seu torturador no Dops em Belo Horizonte.

Os filmes “Exposição Presos Políticos” (22 de outubro de 1977), “Movimento Anistia – Entrevista” (31 de janeiro de 1978), “Anistia de 45 – Reunião e bomba” (19 de abril de 1978), “Movimento Feminino Anistia – Desmentido” (12 de maio de 1978) e “Helena Greco – Prisões estudantes” (15 de março de 1979), objetos deste artigo, serão analisados com maior detalhamento a seguir.

Exposição Presos Políticos (22 de outubro de 1977) – Jornal Nacional (JN)

- Filme em 16 mm – Preto e branco (P&B) – Som magnético
- Duração: 5 minutos e 11 segundos

O filme “Exposição Presos Políticos”, de 22 de outubro de 1977, é um dos primeiros registros feitos pelo jornalismo da TV Globo Minas sobre ações do MFPA no estado. Conforme sinopse cadastrada na documentação não fílmica do Fundo Globo Minas: “Imagens dos trabalhos dos presos políticos. Entrevista com Terezinha Godoi Zerbini³, uma das fundadoras do movimento feminista pela anistia...”⁴.

O rolo arquivado dessa e de todas as reportagens analisadas não consiste na matéria finalizada. É o filme em um estágio intermediário entre o que foi de fato gravado e o que possivelmente foi veiculado na TV. Há cortes, visto que o rolo de filme possui emendas, mas o material não possui créditos nem texto em *off*⁵. Em

³ Therezinha de Godoy Zerbini (São Paulo, 16 de abril de 1928 – São Paulo, 14 de março de 2015) foi assistente social, advogada e ativista de direitos humanos, fundadora e líder do MFPA no Brasil.

⁴ Sinopse do rolo conforme documentação não fílmica enviada pela Rede Globo Minas junto aos filmes que foram entregues ao Centro de Referência Audiovisual (Crav, atual Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte).

⁵ Fora do quadro da imagem.

algumas fitas há repetição de cenas gravadas, passagens (do repórter para a câmera) e entrevistas, o que reforça a noção de um estágio intermediário da reportagem.

A fita tem início com imagens de bolsas, quadros e objetos diversos produzidos artesanalmente por presos políticos e que são apresentados sobre mesas em um local onde parecem estar em exposição, como em um bazar (Figura 1). Pessoas caminham por entre as mesas e fazem anotações.



Figura 1: Objetos em exposição no bazar de artesanato feito por presos políticos.
Fonte: Acervo MIS/BH. Fotogramas extraídos do filme “Exposição Presos Políticos”
(22 de outubro de 1977)

Há um corte e, em seguida, um plano médio mostra Therezinha Zerbini sentada. Ao fundo, há várias mulheres reunidas, também sentadas, conversando ao redor de uma mesa. A repórter está fora do quadro. Em cena, é possível ver apenas sua mão segurando o microfone. A sequência já tem início com a fala da ativista, que parece responder a alguma pergunta sobre as possíveis barreiras que o movimento estaria encontrando:

Nós não temos encontrado barreira nenhuma. A única barreira era um pouco de medo. Mas o medo vai sendo vencido pela própria necessidade que nós temos da pacificação brasileira e por... e a mulher vai se conscientizando da necessidade, porque a anistia,

acima de tudo, é necessidade, quando a mulher se apercebe da grandeza da nossa missão, então o trabalho se torna fácil.

Um plano feito no exterior do local em que os objetos estão expostos mostra um carro com o porta-malas aberto. Ao fundo, vemos o prédio da torre B do Conjunto JK, na praça Raul Soares, região centro-sul de Belo Horizonte.

A câmera volta a fazer filmagens no espaço onde a exposição está acontecendo. Não há som nessa sequência. Algumas mulheres estão em pé; outras, sentadas às várias mesas dispostas ao longo do grande salão que abriga o evento (Figura 2). Há planos em detalhe do artesanato exposto. A câmera se aproxima e apresenta uma pequena placa sobre um vaso, na qual é possível ler: “Cerâmica 60,00 Vendido” (Figura 3), o que confirma que o objetivo da exposição é também vender o artesanato feito pelos presos políticos e arrecadar fundos. Entre o material exposto, muitas bolsas de couro e quadros representando os líderes Mao Tsé-Tung e Che Guevara. Junto a alguns itens, o cartaz do MFPA, que traz o desenho de uma pomba, símbolo da paz.

O filme volta para a sequência da entrevista. Em um plano mais aberto, é possível ver a repórter ao lado da entrevistada (Figura 4): “*O que que significa o Movimento Feminino ‘da’ Anistia?*”, a jornalista pergunta. Em *zoom*, o quadro se fecha na entrevistada. “*Significa que as mulheres brasileiras se arregimentaram num trabalho de classe: a pacificação da família brasileira*”, a ativista responde. “*A anistia se fez presente no ano internacional da mulher?*”, a repórter continua.

Therezinha então responde:

Sim, a anistia se fez presente no ano internacional da mulher, aonde ela ehh... a única petição da mulher brasileira neste ano no congresso do México foi anistia política a todos os presos políticos do mundo, homens e mulheres. Esta foi a posição da mulher brasileira no congresso do México.

“*E qual o prêmio que vocês ganharam?*”, a repórter insiste.

Nós não ganhamos prêmio nenhum. Mas moralmente, este prêmio dado à anistia internacional, que o parlamento norueguês conferiu à anistia internacional, moralmente ele é nosso, porque nós estamos fazendo o mesmo trabalho que eles fazem lá fora internacionalmente, mas o nosso trabalho é aqui em casa, porque quando não se tem paz em casa... ahhhh... ahhh... [Zerbini olha para a jornalista, hesita e decide concluir – Figura 5]. A justiça começa em casa.

No momento em que se olharam, a repórter deve ter feito algum sinal para a entrevistada: ou para que ela concluísse a fala em função do tempo ou para que ela não entrasse em determinado assunto, visto que, ao falar de “paz em casa”, necessariamente Zerbini se referia à questão política do país.

A repórter ainda pergunta se há ligação do MFPA com a anistia internacional, no que Zerbini responde: “*não, o nosso movimento é tupiniquim, ele é nacionalista*”.

A jornalista questiona então sobre qual arma é utilizada por Therezinha para ganhar mulheres para o movimento. A ativista responde:

O movimento da anistia, nós mulheres achamos ehhh... que o fundamental... que a anistia é um imperativo de consciência. Então nós saímos à procura de ganhar consciências, aonde elas estejam: nos colégios, nas fábricas, nos quartéis, nas universidades, nós estamos nesse trabalho. A nossa arma é a verdade e nós procuramos ganhar consciências.



Figura 2: Salão que abriga o bazar.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotogramas extraídos do filme “Exposição Presos Políticos” (22 de outubro de 1977)



Figura 3: Cerâmica vendida durante o bazar.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotogramas extraídos do filme “Exposição Presos Políticos” (22 de outubro de 1977)



Figura 4: Repórter da TV Globo Minas e a entrevistada, Therezinha Zerbini.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotogramas extraídos do filme “Exposição Presos Políticos” (22 de outubro de 1977)



Figura 5: Zerbini percebe possível sinalização feita pela jornalista.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotogramas extraídos do filme “Exposição Presos Políticos” (22 de outubro de 1977)

Por fim, a repórter faz uma pergunta sobre as dificuldades do movimento:

A senhora, particularmente, a senhora tem encontrado assim muita barreira para levar o movimento para cima ou a receptividade tem sido assim grande, em relação às outras pessoas? O movimento feminino “da” anistia já foi confundido, assim, com algum movimento comunista?

Zerbini é direta:

Não. Não porque nós temos franquias. Temos corrido o Brasil inteiro. Nós só não temos núcleo da anistia no Amazonas, em Belém, Maranhão e nos ehhhh... territórios. Nós não temos sido confundidos, não. A não ser...

A fita termina sem que o espectador possa ouvir a conclusão da resposta de Zerbini. Não é possível saber se a filmagem foi interrompida no meio da fala ou se o corte foi feito no primeiro tratamento do material bruto.

Interessante observar que no momento dessa reportagem a seção mineira do MFPA já estava formada. No entanto, apenas no mês seguinte, em novembro de 1977, foi eleita a primeira diretoria do MFPA/MG, tendo Helena Greco como sua presidente. Nas reportagens de 1978, dona Helena Greco passa a ser a principal interlocutora pela seção mineira do movimento. Seu protagonismo se reflete não só em suas aparições como referência do MFPA, como também pelo fato de ter se tornado alvo para diversos atentados à bomba.

Movimento Anistia – Entrevista (31 de janeiro de 1978) – NE

- Filme em 16 mm – P&B – Som magnético
- Duração: 3 minutos e 18 segundos

Quando do arquivamento dos filmes no Centro de Documentação da Rede Globo Minas, eram criadas uma ou mais fichas catalográficas (documentação não fílmica) com informações sobre o rolo, tais como título, sinopse, o número da caixa em que a reportagem estava arquivada, data de filmagem e de exibição, tipo de som, metragem e tempo total. As fichas eram preenchidas conforme análise da fita e informações fornecidas pela equipe de reportagem. A organização delas se dava por um índice remissivo, razão pela qual às vezes um mesmo rolo possui mais de uma ficha. Por exemplo, uma reportagem sobre o Movimento Feminino pela Anistia com duas entrevistadas geraria pelo menos três fichas: uma com o nome do movimento e outras

duas remetendo ao nome de cada uma das entrevistadas. As fichas eram digitadas em máquinas de escrever, razão pela qual há erros gramaticais e vários tipos de ressalvas, como pode-se observar na sinopse cadastrada para o filme analisado nesta seção:

Movimento feminista para anistia.

Sinopse

Entrevista com uma participante do movimento. O repórter é o Alírio. Não temos dados. Chegou dados: Entrevista com dona Helena Greco, presidente do movimento fem. anistia, que fala sobre o apoio do grupo, as greves dos metalúrgicos e movimentos em geral.

O filme tem início com um plano médio, em que aparecem dona Helena Greco, presidente da seção mineira do MFPA, e o repórter ao seu lado (Figura 6). Ambos estão sentados. Ao fundo há algumas mulheres reunidas, contextualizando o espaço em que a reportagem transcorre, provavelmente na sede do movimento.



Figura 6: Helena Greco se prepara para entrevista junto ao repórter da TV Globo Minas. Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Movimento Anistia – Entrevista” (31 de janeiro de 1978)

Quando o jornalista inicia a primeira pergunta, dona Helena parece ler uma folha que carrega na mão esquerda. O repórter questiona: “*Dona Helena Greco, quais são os objetivos principais deste movimento?*”, o que indica que só então as ações do

MFFPA ganhavam visibilidade na grade jornalística da TV Globo Minas, embora o movimento tivesse se organizado na capital mineira desde junho de 1977. Na resposta da entrevistada, entendemos o que era o papel que ela segurava no início da entrevista:

Eu... pra responder esta pergunta eu vou ler o artigo segundo do nosso estatuto que diz bem claro os nossos fins: "Defender e dar apoio e solidariedade a todos aqueles que foram atingidos nos seus direitos de homem e de cidadania, assegurado pela Declaração Universal de Direitos Humanos, subscrita pelo nosso país, e lutar pela anistia ampla e geral visando a pacificação da família brasileira; promover a elevação cultural, social e cívica da mulher através de cursos, palestras e atuação no desenvolvimento de sua consciência social e cívica, alertando-a e orientando-a para a compreensão de suas responsabilidades perante a sociedade; integração da família na comunhão social, sempre dentro dos ideais democráticos".

A câmera agora está fechada em um plano médio da presidente do MFFPA. O repórter (fora de quadro) pergunta até que ponto iria o apoio do movimento aos presos políticos e aos metalúrgicos.

A ativista explica que desde o início do movimento o grupo tem se interessado intensivamente pelas questões tanto relacionadas aos presos políticos quanto a suas famílias. Conforme palavras de Helena Greco, o trabalho se dava nas seguintes frentes:

Procurando dar apoio... apoio... o máximo de apoio que a gente possa... procurando éhhhh... dar voz às suas reivindicações, soltando notas nesse sentido e nos interessando pelos seus trabalhos, vendendo seus artesanatos, interessando pela situação das famílias deles aqui fora, procurando ajudá-las moralmente principalmente, dando apoio jurídico ou aquilo que a gente pode nesse sentido. Agora quanto aos metalúrgicos, não se trata propriamente de apoio, porque nós agimos de acordo com as notas que nós vemos na imprensa, e conforme o caso, a gente se solidariza ou denuncia. No caso dos metalúrgicos, especialmente das metalúrgicas, surgiu um caso que nos interessou sobremaneira, não só pelo fato de que se trata de operários pelos quais... cujo trabalho nos interessa de um modo geral, mas principalmente pelo fato de ser a primeira vez que a mulher meta... a mulher operária estava se manifestando, fazendo suas reivindicações, e combatendo a discriminação, a discriminação que há entre...

Antes que a fala da ativista fosse concluída, o áudio foi cortado, provavelmente um erro – não durante a filmagem, mas durante o primeiro corte sobre o material

bruto das gravações, ação que pode ser verificada na grande maioria dos filmes pertencentes ao Fundo Globo Minas em virtude da presença de emendas com durex nos rolos de película. O corte no áudio vem acompanhado também de um corte na imagem, que passa a enquadrar um cartaz do MFPA que está colocado em uma das paredes do local onde se passa a reportagem (Figura 7).



Figura 7: Cartaz do Movimento Feminino pela Anistia no espaço de reuniões do grupo.
Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Movimento Anistia – Entrevista”
(31 de janeiro de 1978)

Em uma panorâmica para a direita, a câmera deixa o cartaz e vai até a mesa onde diversas mulheres estão reunidas. Provavelmente eram integrantes do MFPA. São imagens sem som, que na apresentação final da reportagem provavelmente seriam utilizadas com a cobertura da fala da entrevistada, ou mesmo do repórter. Com a câmera voltada para a mesa e a luz de apoio acesa sobre elas, as mulheres sabem que estão sendo filmadas. Algumas demonstram seu desconforto com a presença da câmera, virando seus rostos para o lado oposto ao do repórter cinematográfico, ou mesmo cobrindo suas faces com as mãos (Figura 8). Na sequência, o rolo traz imagens em plano detalhe do rosto de algumas mulheres, tanto das que optam por aparecer quanto das que mantêm o rosto coberto. Fim da fita.



Figura 8: Integrantes do MFPA/MG durante reunião. Algumas mulheres optam por tapar os rostos durante as filmagens.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotografias extraídas do filme “Movimento Anistia – Entrevista” (31 de janeiro de 1978)

“Anistia de 45 – Reunião e bomba” (19 de abril de 1978) – JH⁶

- Filme em 16 mm – P&B – Som magnético
- Duração: 5 minutos e 15 segundos

Conforme a sinopse cadastrada pelo setor de arquivo da Rede Globo Minas, nesse filme há:

Cenas da perícia chegando ao colégio Santo Antônio e saindo com a bomba desarmada e dos carros pichados pelo grupo anticomunista. Entrevista com duas mulheres do movimento: Tereza Zerbini, presidente do movimento pela anistia, Helena Greco, presidente seção mineira. Estava havendo uma reunião no colégio que depois foi transferida para o DCE da Federal, visto que lá no colégio foi colocada uma bomba que não chegou a explodir, no DCE a bomba explodiu.

O filme em questão tem início com imagens do número 865, indicando o local onde se desenrolaram os fatos que serão apresentados (número da entrada do Colégio Santo Antônio, à rua Pernambuco, bairro Funcionários, Belo Horizonte). Em seguida, são apresentadas imagens de um artefato (uma bomba desarmada) nas mãos de um homem que entra em um carro da perícia criminalística do Dops. Cenas em um ambiente interno apresentam um auditório lotado. Todos os lugares estão ocupados e há pessoas em pé ao fundo. Após essas imagens, o som é ouvido no filme

⁶ Jornal Hoje.

pela primeira vez, durante a entrevista de Therezinha Zerbini, presidente do MFPA, e Helena Greco, presidente da seção mineira do MFPA, que aparecem em cena lado a lado (Figura 9). Zerbini é a primeira a se pronunciar: “*Nós temos convicção de que até o fim do ano nós teremos a Anistia tão sonhada por todos nós*”. Em seguida, o repórter pergunta para dona Helena: “*Qual a participação da seção mineira do Movimento Feminino pela Anistia na luta pela anistia ampla?*”. Do repórter só é possível ver a mão e o microfone que é segurado. O plano agora está fechado na presidente da seção mineira. À época, Greco era uma senhora de 61 anos. Elegante no modo de se vestir, ainda se mostra tímida no trato com a câmera e o microfone, visto o engajamento recente na vida política. Mas responde assertivamente:

Nós estamos dando continuidade ao trabalho de... ao trabalho de Therezinha Zerbini. Lutando sempre pela anistia ampla, geral e irrestrita. Uma luta sem quartel, sem tréguas, até conseguirmos... até que juntamente com o povo a gente consiga esta anistia.

Após a fala há mais imagens dos peritos levando a bomba desarmada. Em seguida é apresentado o plano da lateral de um carro, onde há uma pichação cobrindo toda a altura da porta com a seguinte expressão: GAC⁷ (Figura 10).

O plano volta novamente para Therezinha e Helena Greco. A voz do repórter aparece mais uma vez: “*Dona Therezinha, a senhora, como presidente nacional do Movimento Feminino pela Anistia, acredita que essa mesma anistia ampla vai sair?*”.

Zerbini responde:

Nós temos certeza e convicção. O Movimento Feminino pela Anistia, ele está instalado... ele está estruturado nacionalmente. E nós escolhemos Minas, a “terra da liberdade”, para estarmos aqui hoje, porque anistia é liberdade. Anistia e liberdade são conquistas de um povo organizado.

A seguir, Dona Helena responde a uma questão sobre como o MFPA busca sua sustentação financeira. Após essa fala, as cenas mostram um trecho do discurso proferido pela mineira durante o evento em comemoração pelos 33 anos da anistia decretada por Getúlio Vargas (Figura 11). Em frente à mesa na qual ela se encontra foram expostos cartazes da campanha pela anistia (Figura 12). O filme termina.

Conforme relatado no livro *Helena Greco, eu te batizo: anistia*, de Ana Maria Rodrigues Oliveira (c1983), as cenas apresentadas na reportagem de 19 de abril ocorreram na véspera, dia 18. Nessa data houve a concentração de 1.500 pessoas

⁷ Grupo Anticomunista.

no pátio do Colégio Santo Antônio para o evento pela celebração dos 33 anos da anistia decretada por Getúlio Vargas. Pouco depois do início da concentração, agentes do Dops compareceram ao local alegando que haviam recebido uma denúncia sobre a existência de uma bomba ali. Feita a evacuação do colégio, um artefato explosivo foi localizado dentro de uma caixa de sapatos. O relato no livro informa que antes do evento o local já havia sido vistoriado por homens do Dops. Em função do ocorrido, a concentração para a celebração foi transferida para a sede cultural do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que na mesma data já havia sofrido um atentado à bomba, tendo sua gráfica destruída.



Figura 9: Helena Greco e Therezinha Zerbini em Belo Horizonte.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Anistia de 45 – Reunião e bomba” (19 de abril de 1978)



Figura 10: Pichação do Grupo Anticomunista.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Anistia de 45 – Reunião e bomba” (19 de abril de 1978)



Figura 11: Dona Helena profere discurso no evento em comemoração pelos 33 anos da anistia decretada por Getúlio Vargas.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Anistia de 45 – Reunião e bomba” (19 de abril de 1978)

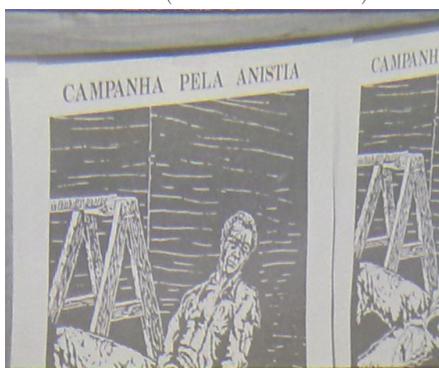


Figura 12: Cartaz da campanha pela Anistia.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Anistia de 45 – Reunião e bomba” (19 de abril de 1978)

Embora apareçam informações sobre a bomba e as pichações na sinopse cadastrada pela Globo, no filme arquivado o assunto não é abordado nas falas do repórter e das entrevistadas. A atividade do movimento é retratada pela reportagem, mas não há repercussão sobre o atentado à bomba sofrido naquele dia, ataque que se tornaria recorrente contra o MFPA em Belo Horizonte.

“Movimento Feminino Anistia – Desmentido” (12 de maio de 1978) – JH

- Filme em 16 mm – P&B – Som magnético
- Duração: 5 minutos e 14 segundos

O livro de Ana Maria Rodrigues Oliveira (c1983) também relata que Helena Greco e o movimento foram vítimas de falsas acusações em determinados órgãos de imprensa. No filme “Movimento Feminino Anistia – Desmentido”, de 12 de maio de 1978, a ativista fala sobre uma dessas acusações. Conforme a sinopse cadastrada pela Globo, a fita traz uma:

Entrevista com a presidente do movimento em BH, Helena Greco, e com uma participante do movimento que não se identificou. Elas falam do problema de notas espalhadas pela cidade em nome do movimento. Falam também do encontro com o governador para conseguir a transferência de presos políticos.

As imagens desse filme foram feitas em um espaço fechado, que mais à frente será identificado como a residência de Helena Greco. Ela aparece sentada em um sofá com a repórter, que está ao seu lado (Figura 13). A fita tem início já com a fala da presidente do MFPA/MG sobre o pedido que o movimento havia feito ao então governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves, pela transferência de presos políticos de Linhares (penitenciária localizada em Juiz de Fora) para prisões de Belo Horizonte ou do Rio de Janeiro. Em alguns momentos ainda transparece a pouca intimidade de dona Helena ao procedimento da entrevista, como no instante em que ela chega a levar a mão ao microfone que a repórter segura. No entanto, no gesto de olhar para a câmera ao responder a pergunta, a ativista demonstra que aos poucos está se familiarizando com as lentes da TV.

A natureza intermediária do material da filmagem (não é o material bruto nem a reportagem finalizada) transparece na construção da pergunta seguinte, na qual a repórter questiona dona Helena sobre como os panfletos difamatórios distribuídos pela cidade prejudicaram o movimento. Antes que ela fizesse a pergunta, a câmera havia

sido deslocada para a lateral, de modo a mostrar a repórter de frente e a entrevistada de perfil. Em seguida há um corte e a câmera é disposta no lado oposto da sala, mostrando a entrevistada de frente e a repórter de perfil. Ouve-se ao fundo uma voz masculina que diz: “Gravando!”. Então dona Helena dá início à sua resposta:

Eu não acredito que estes panfletos tenham prejudicado o movimento, até pelo contrário. O fato deles terem saído na quantidade que saiu contra um grupo como o nosso que é um grupo de mulheres que está agindo legalmente em defesa dos direitos humanos significa apenas que nós realmente estamos incomodando. E o que eu acho é que eles (os panfletos) constituem um grande desrespeito ao povo, porque foi uma coisa de tão baixo calão, porque se eles estão achando que o povo brasileiro, especialmente os operários e os estudantes, [categorias] para as quais parece que a propaganda deles foi focada, vai acreditar numa coisa dessas é não acreditar na capacidade de discernimento deles.

A câmera faz um movimento de aproximação da entrevistada, deixando-a sozinha em quadro. “A senhora imagina quem soltou?”, pergunta a repórter em *off*. Dona Helena continua:

Eu imagino... eu tenho certeza que os grupos que agiram dessa vez foram os mesmos que estão agindo aí, soltando bombas, cartas anônimas, telefonemas de ameaça, não só para o Movimento Feminino pela Anistia como para todos os órgãos que estão tratando dos reais direitos do povo e da defesa dos direitos humanos, como foi o caso por exemplo da CNBB [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil], do dom Hypólito⁸ e do Movimento Feminino pela Anistia.

Em seguida, as cenas mostram outra mulher pertencente ao MFPA e integrante da Comissão de Linhares, indicada por dona Helena Greco para falar sobre o pedido de transferência dos presos políticos. O plano mostra a repórter de frente e a entrevistada de costas, optando pelo anonimato, numa demonstração do

⁸ Dom Adriano Hypólito (Aracaju, 18 de janeiro de 1918 – Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1996), então bispo de Nova Iguaçu, era um dos expoentes da ala progressista da Igreja Católica quando foi sequestrado no dia 22 de setembro de 1976: “acompanhado de um sobrinho e da noiva deste, d. Adriano foi interceptado por dois carros, de onde desceram homens armados. No tumulto, a moça conseguiu fugir. O sobrinho também foi capturado. O bispo teve um capuz colocado na cabeça. Suas mãos foram algemadas; a batina, arrancada à força. Os captores tentaram forçá-lo a beber cachaça, ele reagiu e foi espancado. Foi deixado nu, com as mãos amarradas e o corpo pintado com tinta vermelha em uma rua de Jacarepaguá, na zona oeste carioca” (COSTA; TORRES, 2004).

medo em mostrar o rosto pelas possíveis retaliações decorrentes de uma exposição direta (Figura 14).

A ativista fala sobre o andamento do processo de transferência dos presos: “De acordo com o juiz auditor que é a pessoa que pode resolver sobre a transferência deles, tá na dependência de uma resposta do secretário interior de justiça sobre vaga em estabelecimento penal em Belo Horizonte e nos arredores”. A conversa continua sem cortes até o final. Repórter: “Então o que está atrapalhando é a burocracia?”. A ativista anônima responde: “É, tá dependendo de um entrave burocrático”. A jornalista prossegue: “por que este empenho de vocês em transferir os presos de lá? Como que eles são tratados?”. A entrevistada do movimento então explica:

O problema principal é a dificuldade das famílias em prestar assistência aos presos, devido à distância, o tempo... consequentemente o tempo de viagem e a situação financeira das famílias que têm dificuldade nas viagens né, dificuldade financeira nas viagens. Depois o regulamento carcerário também é bem rigoroso, principalmente em relação à censura a publicações, que já são censuradas no país, censura à correspondência aos familiares, inclusive às autoridades e o isolamento que eles vivem devido à distância.

A fita finaliza após essa declaração, que pelo teor e pela postura de anonimato da entrevistada revela o medo que existia diante dos órgãos de repressão que cotidianamente acompanhavam e ameaçavam integrantes de movimentos contrários ao regime.



Figura 13: Dona Helena fala sobre os panfletos difamatórios distribuídos a respeito do movimento.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Movimento Feminino Anistia – Desmentido” (12 de maio de 1978)



Figura 14: Representante do MFPA prefere não ser identificada durante entrevista.

Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Movimento Feminino Anistia – Desmentido” (12 de maio de 1978)

“Helena Greco – Prisões Estudantes” (15 de março de 1979) – JN

- Filme em 16 mm – P&B – Som magnético
- Duração: 2 minutos e 24 segundos

Conforme informações da sinopse produzida pela Rede Globo Minas à época da reportagem, esse filme se trata de uma “Entrevista com Helena, que fala das últimas prisões de estudantes em Belo Horizonte”.

A fita é uma sonora, uma breve entrevista feita com dona Helena Greco nas dependências da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (Figura 15) em razão da presença da ativista ali para buscar informações sobre três estudantes universitários presos recentemente na capital mineira.

Diferentemente da entrevista anterior, realizada na casa da ativista, as filmagens de agora foram feitas em um espaço aberto dentro da Assembleia. Há muito ruído ao fundo e o clima é de inquietação pela ausência de informações sobre os alunos detidos.

A repórter (que está fora de quadro) pergunta: “Qual o motivo dessas prisões?”.



Figura 15: Helena Greco em entrevista na Assembleia Legislativa de Minas Gerais
Fonte: Acervo MIS/BH. Fotograma extraído do filme “Helena Greco – Prisões Estudantes” (15 de março de 1979)

Dona Helena mostra-se inquieta. A falta de justificativa pelas prisões causa aflição e relativa impaciência na ativista, que responde: “Pois é, isso é o que... o que nós estamos mais preocupados com isso. Ninguém sabe por que, o porquê dessas prisões”. “E quais as consequências Dona Helena?”, a jornalista insiste. A presidente do MFPA/MG responde:

Ninguém sabe também. A gente sabe... o que sabe é que a Fátima foi vista pela última vez ontem pela manhã. E como ela não falha nos compromissos dela e ela não apareceu e nem telefonou como ficou combinado... porque ela tinha sido ameaçada na véspera, logo o compromisso que ela estava é... essa prisão foi confirmada tanto no Dops como na Polícia Federal.

A repórter continua: “A senhora está aqui por este motivo?”. “Unicamente por este motivo. É lógico que eu não ia ficar aqui pra posse do presidente né?!”, dona Helena responde já impaciente, em virtude da insinuação por parte da jornalista de que ela estaria ali também para a posse do governador Francelino Pereira, que ocorria naquele mesmo dia. Após uma última pergunta sobre quem seria procurado pela ativista na Assembleia, as gravações finalizam.

Conclusão

Os filmes analisados mostram como o MFPA teve atuação fundamental entre os grupos que lutaram pela anistia, que teve sua lei promulgada em 28 de agosto de 1979.

A relevância do MFPA/MG pode ser verificada na frequência com que o movimento foi tema de reportagens na Rede Globo Minas entre os anos de 1977 e 1979, assim como na notoriedade e respaldo que Helena Greco ganhou como presidente da seção mineira, tornando-se referência na luta pelos direitos humanos no país. As retaliações sofridas pela ativista, em forma de bilhetes, telefonemas com ameaças e mesmo os atentados à bomba, revelam como sua atuação e seu trabalho ganharam visibilidade e tornaram-se um incômodo para os defensores do regime. Para este artigo, foram selecionadas cinco reportagens em um universo de pelo menos 18⁹ matérias que abordam aspectos da luta pela anistia em Belo Horizonte. A cobertura do MFPA tem início já em 1977, ano da constituição da seção mineira do movimento. Em 1978, o nome de Helena Greco começa a ganhar projeção e é ela a principal referência nas reportagens sobre o movimento a partir de então.

Nos filmes selecionados foi possível acompanhar as distintas frentes de atuação do MFPA/MG e o respaldo que o movimento e sua principal representante no estado ganharam naqueles anos finais da década de 1970. A fita “Exposição presos políticos” (22 de outubro de 1977) apresenta uma das frentes de trabalho do

⁹ Reportagens levantadas sobre ações pela anistia em Belo Horizonte na pesquisa de doutorado *BH em movimento: registros audiovisuais do período da ditadura na capital de Minas*. Já são 18 matérias localizadas até a conclusão deste artigo.

movimento, que é a realização de bazares para a venda de artesanato feito por ativistas que se encontravam nas prisões. Na reportagem é Therezinha Zerbini, fundadora e presidente do MFPA, que fala da exposição promovida pela seção mineira do movimento. O núcleo regional já havia sido constituído em assembleia realizada no dia 30 de junho de 1977, mas sua primeira diretoria foi eleita apenas em 26 de novembro daquele ano, quando Helena Greco foi escolhida como sua presidente e passou então a ser a principal interlocutora do movimento em Minas.

O filme “Movimento Anistia – Entrevista” (31 de janeiro de 1978) mostra um momento de reunião das mulheres pertencentes ao MFPA/MG, além de entrevista com Helena Greco. As ações pela anistia passam a ganhar maior visibilidade em Minas Gerais. Pelo contexto das perguntas e respostas, a reportagem busca mostrar o que é o movimento, quais são os seus objetivos e principais linhas de ação. Nas cenas da reunião, o gesto das mulheres que escondem o rosto revela o receio de terem sua imagem associada ao grupo, que poderia ser tanto julgamento no âmbito familiar quanto pelo medo das ameaças e atentados que o MFPA passaria a receber.

Em “Anistia de 45 – Reunião e bomba” (19 de abril de 1978) pode-se ver a tentativa do movimento em organizar reuniões para discussões a respeito dos avanços e demandas relacionados à anistia e sua esperada aprovação por parte do governo. Ao mesmo tempo, o filme mostra alguns tipos de intimidação que o MFPA/MG vinha sofrendo, como a ameaça de atentado à bomba sofrida durante a atividade no Colégio Santo Antônio. Therezinha Zerbini e Helena Greco falam juntas pelo movimento, visto que o evento realizado em Belo Horizonte contava com a participação de Zerbini enquanto presidente do MFPA nacional.

A reportagem “Movimento Feminino Anistia – Desmentido” (12 de maio de 1978) aborda a atuação de dona Helena e outra ativista do MFPA/MG em relação a presos políticos. O filme relata também um episódio de difamação sofrido pelo movimento, uma das formas de intimidação utilizadas pelos defensores do regime. Diante dos ataques sofridos, a postura de dona Helena é segura e afirmativa. Mas havia também quem temesse as consequências de uma exposição pública, como é o caso da outra integrante do MFPA entrevistada nesse filme, que opta por conceder a entrevista sem mostrar o rosto.

Já a fita “Helena Greco – Prisões estudantes” (15 de março de 1979) também faz a abordagem da questão do preso político, mas mostra um caso de prisão recente, no qual não se tinha muitas informações sobre quem havia sido detido nem o motivo das detenções. Pela forma como reage e responde às perguntas da repórter, a entrevistada deixa transparecer a urgência da situação e a ansiedade pelo esclarecimento das prisões

antes que os fatos se desdobrassem em consequências piores. O ato de pronunciar por completo o nome dos estudantes detidos era uma forma de identificá-los publicamente, expor as prisões arbitrárias e responsabilizar o Estado caso acontecesse qualquer coisa a eles enquanto estivessem privados de sua liberdade.

Os cinco filmes apresentam a diversidade de atuação do MFPA/MG, suas lutas e desafios. São retratos de um movimento em que mulheres se expuseram e se arriscaram para fazer frente ao governo de exceção vigente à época, e que mesmo diante das dificuldades conseguiram mostrar decisiva atuação na conquista da Lei da Anistia.

Este recorte faz parte de uma pesquisa maior, na qual esses e outros assuntos serão destrinchados na busca pela análise de como uma parte da história de Belo Horizonte aparece em registros audiovisuais.

Referências

COSTA, R.; TORRES, S. “Desmoralização foi prática da ditadura contra adversários”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 out. 2004. Caderno Brasil. Disponível em: <<http://bit.ly/2Bb1MHi>>. Acesso em: 7 jan. 2018.

DELGADO, L. A. N. “Helena Greco: humanismo intransigente”. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL – MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA, 11., 2012, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABHO, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2rxbmWE>>. Acesso em: 7 jan. 2018.

OLIVEIRA, A. M. R. *Helena Greco, eu te batizo: anistia*. Belo Horizonte: [s. n.], c1983.

PAULA, A. G. “Pensar a democracia: o Movimento Feminino pela Anistia, as Mães da Praça de Maio e os intelectuais”. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói. *Anais...* São Paulo: ANPHLAC, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2LesYtm>>. Acesso em: 7 jan. 2018.

RODRIGUES, M. F. “BH em movimento: memórias da ditadura militar na capital de Minas Gerais presentes no acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS)”. In: DELLAMORE, C.; AMATO, G.; BATISTA, N. (Orgs.). *A ditadura na tela: o cinema documentário e as memórias do regime militar brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018. p. 235-252.

submetido em: 30 jun. 2018 | aprovado em: 18 out. 2018.